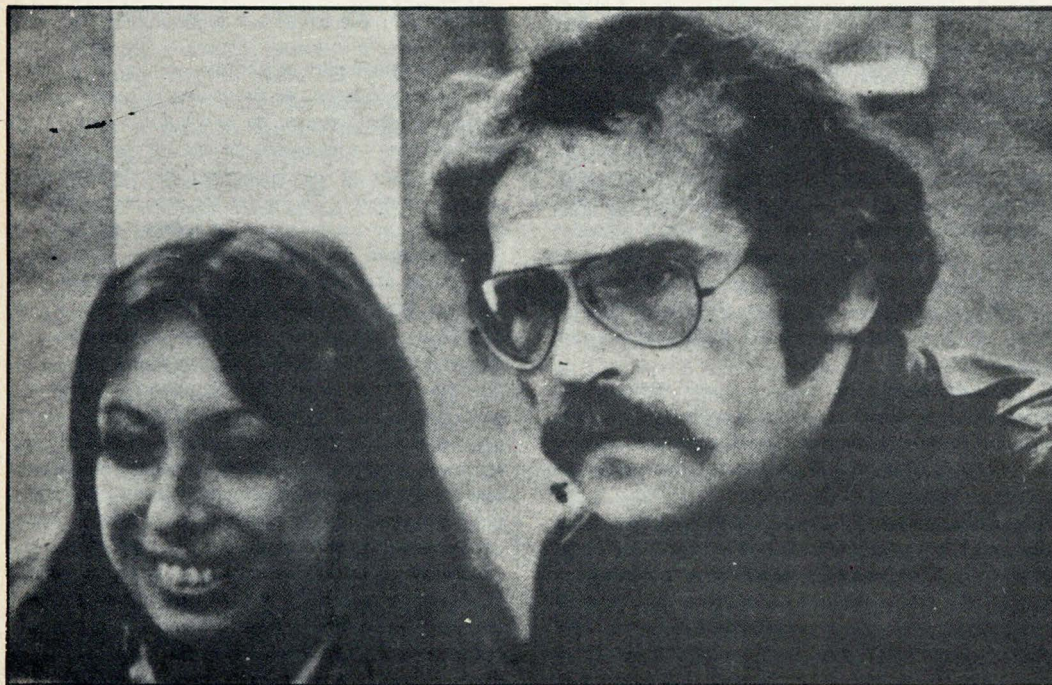


SPÍNOLA

os "golpes" do "golpe"

FERNANDO DIL (texto)

«Tiroteio» nos jornais, a reflectir o que se passa nos meios políticos. Tema: Spínola e os golpes. O dele próprio, que ele não esconde estar em constante preparação; o que os seus amigos do MDLP tecem, utilizando-se da sua imagem como porta-estandarte; os golpes resultantes das situações criadas à volta ou em função de Spínola; e ainda os golpes que nascem a partir do desmascaramento dos demais. Se estes são factores de desestabilização da vida nacional, e Spínola aparece no seu centro, não será ele ainda um «ser vivo» no quadro político do País? Um ponto a reter: no recente caso da «reportagem-Stern» o que terminou por menos preocupar os meios políticos-militares-jornalísticos foi justamente o seu facto detonador: o golpe previsto para Maio-Junho. Manobra de desinformação?



SÃO conhecidos publicamente os adversários de Spínola. Os seus partidários não. Mas eles existem e superiormente colocados. Na passada semana sentimos as suas "pulsações". Talvez as últimas à volta desta personagem de autêntico "décor" de cinema de ficção política. Sim, porque o futuro político deste coleccionador de derrotas, de 66 anos, se não poderá dizer-se que está irremediavelmente comprometido, pelo menos acaba de sofrer um duríssimo golpe, dificilmente "recuperável" nos próximos dois meses. Período durante o qual serão, em termos legalistas, definidos os cinco anos seguintes da vida nacional.

Uma tentativa de balanço: a que pontos concretos poderemos chegar relativamente ao imbróglia Walrafk-"Stern"-Spínola?

1 — O próprio Spínola confirmou que estivera em Dusseldorf, a 25 de Março, a tratar da edição de um seu livro, segundo ele, e que fora contactado para comprar armas. O que repeliu. Não é minimamente crível que um piquete anónimo de vendedores de armas estivesse à espera de Spínola em Dusseldorf. Se alguém o procurou para vender armas é porque, como é óbvio, ele se mostrou interessado no assunto. Já aqui, se não temos um facto consumado, temos, irrefutavelmente, uma intenção. Portanto, pelo menos neste fumo há fogo... Quem como Spínola, e com as suas intenções, pretende armas é porque sabe quem as poderá usar. E certamente não será um grupo de 30-40 insurrectos. O nosso movimento (o MDLP), já o disse Spínola, organiza-se como era o PC na clandestinidade, em pequenas células.

2 — Sintomático: as primeiras reacções em Portugal imediatamente após a notícia da reportagem da "Stern" foram de descrédito, de imputação de culpa ao Partido Comunista, "é mais um golpe do PC", dizia-se; foi o de se tentar ligar este caso a conversas ouvidas nos corredores da Constituinte, e aqui, e isto é grave, é já dar ao boato uma valoração oficiosa, enfim: foi identificar o jornalista Gunther Walraff com as cooperativas agrícolas do Alentejo, aspecto que em nada é ocasional, e bisbilhotar as suas relações políticas na Alemanha. Não parece ser este conjunto de reacções suficientemente elucidativo para se conhecer a sua origem? Grave, entretanto, é observar que quase toda a imprensa sintonizou nesta mesma linha. Pouco indagou e reagiu sob o impacto das paixões. Chegou mesmo a cair no que é mais preocupante: o "saltar" sobre a análise das



*Spínola, um colecionador .
mas as "pulsões", em Poi
golpe de Dusseldorf, são um as,
não perder de vista...*

Foto EDUARDO GAGEIRO

5 — Autenticidade do encontro Spínola-Walraff? As fotografias publicadas pela "Stern" pesam muito como elemento comprovativo. O próprio grupo Stern confirma este encontro. E pelo menos mais seis pessoas, incluindo a sobrinha e secretária de Spínola, que nele participaram. Além do fotógrafo Herbert Peterhofen. E a gravação da conversa feita no local por Walraff...

Que dizer mais?

Que Spínola "pouco mais come que galinha cozida, acompanhada de águas minerais", que Walraff não tenha "respeitado" este detalhe íntimo e tenha servido no seu encontro com Spínola "carne de veado assada e champanhe" e que este facto sirva de dúvida quanto à veracidade do encontro? Não, a reportagem de Walraff, embora com algumas fragilidades, ao nível do texto propriamente dito, e dela devêssemos exigir mais eficácia, em nada foi atingida no seu cerne, no seu objectivo primeiro: a denúncia de que Spínola está disposto e decidido a avançar de armas em punho contra o actual regime em Portugal. E não devia ser isoladamente, de fora para dentro do País, que avançaria. É sintomático, é mesmo preocupante, como no "interior" do País o aspecto do golpe propriamente dito foi abafado, relegado para segundo plano, surgindo no seu lugar os ataques de ordem partidária. O "dossier" deste caso está ainda apenas aflorado. São significativas as incidências que ele causou no quadro político português; não são meramente ocasionais algumas das declarações desde então proferidas por dirigentes nacionais.

Mas daí a pretender-se que Spínola teria "caído" conscientemente na ratoeira de Walraff, a fim de aproveitar-se das consequências político-partidárias decorrentes (as que hoje vemos), parece ser apenas o desejo de tornar menos "negra" a folha de derrotas do ex-general. Se não, vejamos: excepto em 36, na Espanha, em que esteve ao lado de Franco, a sua carreira está pontilhada de baixas: em 43, em Estalinegrado, ao lado dos derrotados de Hitler; na Guiné, contra o PAIGC; o golpe contra o MFA, em Junho de 74, durante a crise Palma Carlos; o 28 de Setembro e, antes, os seus planos para Angola e a descolonização; o 11 de Março; a seguir, não aceite em Espanha nem na Argentina; algum tempo no Brasil; planos infrutíferos com Eugen Burgstaller, chefe de missão da CIA, em França; expulso de França e novamente de Espanha, a ratoeira de Dusseldorf e, agora, expulso da Suíça. Resta-lhe o Brasil e, é verdade, a prisão em Lisboa, pelo menos no primeiro dia do seu regresso...

questões. E deixou-se ir na "onda" dos acontecimentos...

3 — A decisão de o Governo suíço expulsar Spínola não foi arbitrária. "Uma investigação de menos de 24 horas demonstrou que o ex-general tem estado activo no nosso país a favor do MDLP", anunciou, em Berna, o ministro da Justiça, Kurt Furgler. Quem, em Portugal, tem investigado as actividades do MDLP? E, no entanto, são conhecidas as suas intenções. Mais: já foram mesmo noticiados (e não oficialmente desmentidos) encon-

tros no Norte — e inclusivamente um almoço — entre representantes militares e dirigentes do MDLP, Alpoim Calvão, por exemplo.

4 — Que Spínola delegou em José Vale de Figueiredo e Luís Oliveira Dias, ambos do extinto Partido do Progresso, a "missão de concluir conversações relativas ao apoio financeiro e logístico ao MDLP" parece irrefutável diante do documento assinado por Spínola, publicado na Imprensa europeia e reconhecido como autêntico... Daí que ambos tenham sido igualmente expulsos da Suíça.